

Movimento estudantil e o "Fora Collor"

Jordana de Souza Santos

Resumo: O pedido de impeachment do Presidente Fernando Collor de Mello em 1992 foi motivado pelas constantes denúncias de escândalos de corrupção no governo. O Presidente Collor herdou do governo anterior uma crise inflacionária que se agravou em seu governo devido à ineficiência de seus planos econômicos. A insatisfação popular crescia juntamente com a falta de apoio ao governo no Congresso. Os estudantes foram protagonistas no movimento que ficou conhecido como "Fora Collor", uma série de manifestações que culminaram na renúncia do Presidente. Pretendemos compreender este protagonismo da juventude ressaltando a importância do Movimento Estudantil (ME) na direção destes protestos através da análise de documentos estudantis e reportagens de jornais do período, bem como das entrevistas realizadas pela pesquisadora, além da bibliografia sobre o tema. Ressaltamos que este artigo resulta da pesquisa feita em nível de Doutorado e que está em fase de finalização.

Palavras-chave: Movimento Estudantil; impeachment; caras-pintadas.

Abstract: The impeachment request of President Fernando Collor de Mello in 1992 was motivated by the constant denunciations of corruption scandals in the government. President Collor inherited from the previous government an inflationary crisis that worsened in his government due to the inefficiency of his economic plans. The popular dissatisfaction grew along with the lack of government support in Congress. The students were protagonists in the movement that became known as "Fora Collor", a series of demonstrations that culminated in the resignation of the President. We intend to understand this protagonism of the youth emphasizing the importance of the Student Movement in the direction of these protests through the analysis of stu-

dent documents and newspaper reports of the period, as well as the interviews conducted by the researcher, as well as the bibliography on the subject. We emphasize that this article results from the research done at the PhD level and that it is in the finalization phase.

Palavras-chave: Student Movement; impeachment; painted faces.

1. INTRODUÇÃO

A conjuntura pós-ditadura militar que foi inaugurada em 1985 com a instauração do regime democrático apresentava desafios importantes para os partidos políticos que tinham a responsabilidade de encaminhar o processo democrático e para os diversos movimentos sociais cujo papel foi determinante no movimento das "Diretas Já!". A Assembleia Constituinte que deu origem à Constituição Federal de 1988 era a principal pauta destes atores. Aos partidos políticos de oposição e ligados aos movimentos sociais era imprescindível garantir que as propostas que diziam respeito à classe trabalhadora fossem contempladas no texto constitucional e, de certa forma, muitos direitos foram incorporados ao texto. No entanto, esta incorporação não se deu de forma integral, sendo que os interesses dos representantes das classes dirigentes também foram atenuados, dando um

tom de negociação às articulações em torno da elaboração do texto constitucional e da instauração da democracia em nosso país.

Neste contexto de conciliação, a Emenda Dante de Oliveira que propunha eleições diretas para Presidente foi derrotada, sendo que o primeiro Presidente após o fim do regime militar foi eleito por um Colégio Eleitoral. José Sarney, que assumiu o cargo de Presidente após a morte prematura de Tancredo Neves, governou com base em práticas clientelistas que remetiam à velha política dos coronéis, baseada em "troca de favores", além de enfrentar índices altos de inflação que culminavam em desemprego, arrocho salarial e baixo crescimento econômico. Como consequência deste quadro houve grande mobilização de movimentos sociais, greves e paralisações que tornaram os anos finais da década de 1980 bastante conturbados politicamente.

Diante deste aguçamento das lutas sociais e do fortalecimento da oposição cujo Partido dos Trabalhadores (PT) era a principal força política, as eleições diretas previstas para o ano de 1989 tornavam-se um problema para os governistas, pois o candidato Luís Inácio Lula da Silva despontava com grandes chances de vitória. Entre os outros possíveis candidatos, os militares não apoiariam Sarney, apesar das ligações com seu governo; do lado do empresariado, interessava um candidato que não possuísse vínculos com os militares e fosse aliado ao capital (MACIEL, 2012). Entre os 23 candidatos que disputaram o pleito, apenas um reuniria estas características, além da propaganda demagoga de "caça aos marajás". Assim, o projeto político de Collor ganhou a confiança das classes subalternas ao atacar o "Estado desperdiçador", elegendo os "marajás" como bode expiatório da má distribuição de renda, ao mesmo tempo em que foi favorecido pela conjuntura que se formou pós-regime militar em que o Estado se encontrava dilapidado. Além disso, Collor estava disposto a cumprir a agenda neoliberal iniciada no governo Sarney cujas principais medidas eram cortes nos gastos públicos, privatizações, demissões no serviço público, abertura ao capital estrangeiro etc. A campanha de Collor foi direcionada a fim de criar a imagem de um candidato com vigor para acabar com a corrupção e de acordo com os ideais



de modernidade e de progresso próprios dos regimes democráticos que eram alheios às figuras de Sarney tido como arcaico e corrupto e de Lula considerado subversivo e perigoso. Assim, Collor angariava apoio de setores do empresariado brasileiro e da burguesia financeira apresentando um programa neoliberal extremado ao mesmo tempo que se colocava como único candidato capaz de derrotar Lula. Ao lado de Collor também estava a grande mídia que teve uma atuação emblemática na campanha eleitoral, tendo um papel determinante na sua vitória.

Em seu governo, Collor iniciou o processo de abertura da economia ao mercado internacional e um amplo programa de privatização e de desmonte do Estado como pré-condição para o combate à inflação. Os Planos Collor I e II, editados em março de 1990 e janeiro de 1991, respectivamente, foram planos de estabilização monetária para viabilizar este processo de contenção da alta inflacionária, bem como as contrarreformas neoliberais. Além do confisco dos ativos das contas correntes e das aplicações financeiras e de limitar os saques de Cr\$ 50.000,00 e Cr\$ 25.000,00, respectivamente (MACIEL, 2011, p. 101), para por em prática as medidas adotadas em seus Planos econômicos, Collor abusava do recurso da Medida Provisória (MP), um dispositivo criado pela Constituição Federal de 1988 que passa a ter força de lei até ser aprovada pelo Congresso.

Podemos dizer que o uso da MP refletia o distanciamento de Collor em relação ao Congresso e a falta de apoio partidário, sendo uma tentativa de induzir o Congresso a cooperar. Martuscelli (2013, p. 46) observa que num país como o Brasil onde os partidos são frágeis do ponto de vista governativo e representativo, os efeitos das MPs tendem a ser coercivos, considerando-se também a possibilidade de veto do Presidente da República. Apesar das MPs "reforçarem" esta cooperação entre o Congresso e o Executivo, os parlamentares representativos de setores médios e da classe trabalhadora pressionavam o governo federal a fim de limitar a edição e reedição de MPs numa tentativa de oposição a Collor.

Do lado da classe trabalhadora, a política salarial de Collor aguçou os movimentos grevistas, principalmente por conta do arrocho salarial. Para contê-los, Collor tentou negociar esta política com representantes do governo, do empresariado e dos sindicatos de trabalhadores, formando câmaras tripartites. No entanto, esta iniciativa não obteve êxito uma vez que as reivindicações sindicais não eram atendidas, prevalecendo a política de desindexação salarial (MARTUSCELLI, 2013, p. 57). A fragilidade da política econômica de Collor deu seus primei-

ros sinais ao não conseguir estabilizar as taxas de inflação que foram reduzidas no início da aplicação do Plano Collor I, mas voltaram a apresentar uma tendência forte de crescimento logo em seguida. O desemprego crescente e o baixo crescimento econômico geravam descontentamento social, levando os movimentos sociais às ruas.

O movimento grevista nacional teve ampla adesão de trabalhadores do setor público. Apesar do número de greves dos servidores ser menor se comparado às greves do setor privado, a mobilização dos servidores públicos representava um incômodo para o governo. Por isso, as propostas de Collor para o setor público almejavam o "enxugamento da máquina pública", visando demissões de servidores e privatizações de empresas estatais, seguindo a lógica neoliberal de corte de gastos.

A CAMPANHA DE COLLOR FOI DIRECIONADA A FIM DE CRIAR A IMAGEM DE UM CANDIDATO COM VIGOR PARA ACABAR COM A CORRUPÇÃO E DE ACORDO COM OS IDEAIS DE MODERNIDADE E DE PROGRESSO PRÓPRIOS DOS REGIMES DEMOCRÁTICOS QUE ERAM ALHEIOS ÀS FIGURAS DE SARNEY TIDO COMO ARCAICO E CORRUPTO E DE LULA CONSIDERADO SUBVERSIVO E PERIGOSO.

Embora Collor tivesse apoio de setores importantes, seja da burguesia, seja da aristocracia operária, o insucesso de sua política econômica fortaleceu o principal partido de oposição, o PT. O "perigo" Lula tinha sido afastado, mas não contido e o PT junto com outros partidos de oposição teve grande responsabilidade na organização dos movimentos que criticavam o governo. Diante deste quadro e da impossibilidade de se aliar a Collor devido ao fracasso de sua política econômica, restava às frações da burguesia o apoio às denúncias e investigações dos casos de corrupção, incentivando um movimento pela ética na política. Para estas frações de classe descontentes com os rumos que estavam se delineando era preciso responsabilizar Collor e sua equipe e tirá-los do

poder, alinhando-se com as reivindicações das classes subalternas e, ao mesmo tempo, evitar uma possível ascensão de Lula. Mais do que punir Collor pelos escândalos de corrupção, o objetivo do impeachment era impedir o fortalecimento da luta por novas eleições e correr o risco de uma possível vitória da oposição.

Assim, quando vieram à tona as denúncias feitas pelo irmão do Presidente, Pedro Collor, sobre o esquema de corrupção no governo, manifestações populares encheram as ruas das principais cidades do país e se espalharam ficando cada vez mais volumosas. A população sentia os efeitos da crise econômica e política que colocava em risco a democracia recém conquistada. Por isso, o impeachment era urgente e teve amplo apoio de diversos setores e movimentos sociais. O "Fora Collor" era uma bandeira que unificava as lutas sociais. E foi o Movimento Estudantil (ME) o primeiro movimento social a levar esta bandeira para as ruas através da organização de um ato público na cidade de São Paulo no dia 11 de agosto de 1992 e que se transformou na primeira manifestação pelo impeachment, agregando um número de jovens além do previsto pelos organizadores. A juventude dos anos 1990 mostrava a "cara" (pintada) e novamente fazia história.

2. AS MANIFESTAÇÕES ESTUDANTIS PELO IMPEACHMENT DE COLLOR.

Podemos dizer que, desde a reconstrução da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1979, o "Fora Collor" foi a primeira manifestação que deu visibilidade ao ME novamente, sendo considerado e aclamado como "o retorno" do ME. Claro que o ME teve importante participação na campanha pelas "Diretas Já!". Porém, a década de 1980 foram anos de reorganização para o ME e o movimento dos trabalhadores tinha maior visibilidade e prestígio, pois a classe trabalhadora estava assumindo a linha de frente das manifestações pelo fim da ditadura militar. Uma das primeiras conquistas das entidades estudantis, UNE e União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), foi o direito ao voto aos jovens entre 16 e 18 anos, garantido pela Constituição Federal de 1988. Apesar do voto não ser obrigatório, parcela significativa de jovens compareceram às urnas nas primeiras eleições diretas em 1989 (DIAS, 2013). Esta importante conquista do ME demonstrava seu fortalecimento crescente. Enfatizamos esta questão porque toca num ponto essencial para nossa análise que é a organização do ME, pois ainda que o movimento "cara pintada" tenha sido formado por jovens militantes ou não,

que votaram ou não em 1989, é fato que o ME estava mobilizado o suficiente a fim de lograr êxito em levar a multidão de jovens às ruas. Logo, salientamos esta questão para demonstrar que o "ressurgimento" do ME em 1992 com as manifestações pelo "Fora Collor" não foi algo espontâneo e imediatista como mencionava a imprensa e a mídia da época. Para as entidades estudantis era muito claro que o motivo do impeachment de Collor eram as políticas neoliberais adotadas em seu governo que privilegiavam somente as classes mais abastadas.

(...) nós do movimento estudantil dizíamos no congresso⁰¹ que era o momento de uma encruzilhada histórica porque nós saímos do processo de redemocratização para um processo de disputa eleitoral muito acirrada que desencadeou uma vitória de um Presidente que não representava esse processo de abertura política porque o projeto político-econômico do governo Collor contrariava os interesses dos movimentos sociais democráticos e o desenvolvimento do país (...) nós dizíamos que precisava apontar essa perspectiva do Fora Collor porque o projeto de política para o Brasil era neoliberal⁰².

(...) ele estava privatizando, aplicando o que se chamava de projeto neoliberal de diminuição do Estado, redução de direitos etc (...) Considerávamos o governo Collor um governo de desnacionalização do país.⁰³

A UNE utilizou a questão da corrupção como todo mundo estava utilizando, pois as acusações eram muito sérias, mas manteve o tempo inteiro a posição de que o governo Collor era um governo antinacional, de desconstrução nacional, era um governo de entregas das grandes empresas nacionais para as corporações estrangeiras e isso era inaceitável do nosso ponto de vista⁰⁴.

Nos documentos estudantis, alguns anteriores às manifestações pelo impeachment, é possível identificar as considerações do ME acerca do governo Collor. Inclusive, a bandeira "Fora Collor" foi lançada pelo ME e, segundo nossos entrevistados, foi lançada pelo PC do B que era

...AS MANIFESTAÇÕES PELO "FORA COLLOR" NÃO FOI ALGO ESPONTÂNEO E IMEDIATISTA COMO MENCIONAVA A IMPRENSA E A MÍDIA DA ÉPOCA. PARA AS ENTIDADES ESTUDANTIS ERA MUITO CLARO QUE O MOTIVO DO IMPEACHMENT DE COLLOR ERAM AS POLÍTICAS NEOLIBERAIS ADOTADAS EM SEU GOVERNO QUE PRIVILEGIAVAM SOMENTE AS CLASSES MAIS ABASTADAS.

o partido majoritário nas entidades nacionais e estaduais.

A marca do 42º Congresso deve ser a marca da renovação do movimento estudantil direcionada para a luta. O FORA COLLOR é uma condição "sine qua non" para a retomada do desenvolvimento econômico, para o aprofundamento da democracia e para o fortalecimento da universidade pública e gratuita. (PRO QUE DER E VIER – PROPOSTAS PARA O 42º CONGRESSO DA UNE – 28 A 31 DE MAIO – NITERÓI – RJ).

As críticas ao governo Collor eram em relação ao caráter de seu projeto político atrelado às tendências internacionais que incluíam a subordinação aos órgãos financeiros como FMI e Banco Mundial, o que já vinha ocorrendo desde o final da década de 1970 com os empréstimos aos países do chamado Terceiro Mundo como o Brasil. Esta visão crítica, conforme avaliamos, ultrapassava a questão da corrupção que estava muito mais atrelada à figura pessoal de Collor, dando um tom moral aos protestos pelo impeachment e também reformista uma vez que não tocava nos problemas essenciais do governo que assolavam a economia e a sociedade. Ao frisarmos a crítica ao programa neoliberal feita pelos estudantes valorizamos a atuação do ME contra o governo Collor, considerando-a como um avanço para a organização do movimento uma vez que ressaltava o caráter político do "Fora Collor" e, por conseguinte, tornavam-se

críticas ao próprio sistema do capital.

O caráter político das análises de conjuntura contidas nos documentos estudantis demonstra que o ME acompanhava o debate envolvendo o processo democrático que acabava de ser instaurado e os rumos que o governo estava tomando, destacando também as consequências para o campo da educação. O ME, desde a fundação das suas principais entidades, sempre esteve à frente da mobilização social em momentos decisivos da nossa história (Estado Novo, Ditadura Militar etc). Portanto, seria improvável que ficasse à parte do contexto político dos anos 1980. Assim, a ideia do "ressurgimento" do ME em 1992, cunhada pela imprensa durante a cobertura do "Fora Collor", não poderia ser resultado, de fato, de uma suposta situação de desmobilização em que se encontrava o ME. As manifestações estudantis não eclodiram em 1992 repentinamente; mas ocorreram devido à saída de Collor ser uma pauta nacional que unificou os movimentos sociais e partidos políticos que já estavam organizados e atentos ao cenário político desde 1989.

A "Nova República" já completou um ano de governo. A sua instalação, via Colégio Eleitoral, baseado num completo acordo de setores conservadores e liberais da burguesia, excluindo a participação popular e o poder questionador de mudanças que as massas manifestaram nas ruas durante a campanha das Diretas Já!. O apoio popular no início do governo, capitaneado pelo "mito" Tancredo Neves e construído pela mídia eletrônica, colocou num relativo isolamento, as forças políticas que se opuseram a nova forma de dominação instalada no país (...). A manutenção de uma política econômica que privilegia o capital financeiro e arrocha os salários; as causas estruturais da inflação que não são atacadas (Produção de alimentos, déficit público etc); a reforma agrária que não sai; a continuação do pagamento dos juros da dívida externa (...) Esta conjuntura de avanço do movimento operário-popular além do não atendimento das reivindicações populares, levaram a "Nova República" a ser derrotada nas eleições de 15 de novembro (...). As perspectivas de organização da Greve Geral e Diretas para

01 Refere-se aos congressos da UNE, mais especificamente, ao Congresso realizado em Niterói (RJ) em 1992 em que Lindbergh Farias fora eleito Presidente da UNE pelo PC do B.

02 Depoimento de Ana Cláudia Costa Guedes, concedido à autora em 28/03/2018. Ana Cláudia é militante do PC do B desde 1989. Participou do ME na Unesp, campus de Marília, a partir de 1992 enquanto estudante do curso de Pedagogia. Participou dos congressos da UNE e dos protestos pelo impeachment na cidade de Marília, interior de São Paulo.

03 Depoimento de Mauro Panzera, concedido à autora em 15/03/2018. Depoimento concedido à autora em 15/03/2018. Mauro é filiado ao PC do B e foi um dos destacados líderes estudantis dos anos 90, participando ativamente do ME desde 1987 até 1994. Foi Coordenador Geral da UBES na gestão de 1992-1993.

04 Depoimento de Darlan Montenegro, concedido à autora em 22/03/2018. Darlan foi filiado ao PT. Participou do ME secundarista no Rio de Janeiro e no ME universitário na USP. Foi vice-presidente da UNE em 1993/1995, na gestão de Orlando Silva.

Presidente estariam colocadas (...). (POR UMA UNE DESAPARELHADA, DE LUTAS E DE MASSAS - 1984)

Hoje, pós ditadura, abertura e Nova República, o que vemos é um Brasil novo ainda infestado de ranços do passado. Se por um lado o presidente já não usa farda, por outro, com sua política econômica, condena a imensa maioria da população a condições desumanas de existência. Ao mesmo tempo que sucateia os serviços públicos, o (des) governo colorido avança em seu projeto de privatização. Isso para não falar das infundáveis redes de corrupção e maracutaías que envolvem diretamente a pessoa do presidente. (O ONZE DE AGOSTO. JORNAL DA FACULDADE DE DIREITO DA USP - JUNHO/1992)

A imprensa escrita teve grande atuação nos episódios do impeachment, principalmente os jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo, Jornal do Brasil e as Revistas Veja e Isto É.

Nesse processo de exibição e produção do fato, os caras-pintadas aparecem para o grande público. É um ator político, isso não se tem dúvida, porém também é algo abstrato, uma ideia, um conceito, criados na e pela mídia ao descrever as suas passeatas. E que ao fazer essa descrição tornou visível essas passeatas, e legitimou-as para os brasileiros. (QUINTÃO, 2010 p. 7).

A conjuntura livre da censura dos tempos do regime militar possibilitou à imprensa a cobertura completa de todos os fatos da política nacional empreendendo uma espécie de vigília sobre o processo democrático. Assim, de acordo com nossos entrevistados, a imprensa estava atenta aos passos dos estudantes, num primeiro momento, desacreditando o movimento, taxando os estudantes de alienados e, após o inegável avanço da mobilização estudantil, destacando-os como força política proeminente.

O Collorgate conseguiu mais uma façanha. Trouxe novamente às ruas os estudantes que nos últimos tempos

mal conseguem se organizar e mobilizar contra as mazelas do seu cotidiano. Para se ter uma ideia da política de terra arrasada do governo Collor basta que se observe alguns números do seu primeiro de mandato: reduziu-se em 26,4% o investimento em educação (...). Contra isso e os exorbitantes aumentos das mensalidades escolares não se tem notícia de qualquer manifestação que lembre o tempo heróico do movimento estudantil, o chamado ME (...). As faixas, as palavras de ordem, o ar rebelde e a indignação estampada nos rostos. Elementos ausentes da anestesiada sociedade brasileira (...). **Entidades como a UNE, UBES e o próprio Centro Acadêmico 11 de agosto, perderam o charme e a representatividade que tinham nos anos 60, 70 e em outras épocas. Suas lideranças, se é que existem, em nada lembram os José Dirceu, Vladimir Palmeira ou Luís Travassos dos anos rebeldes. Mesmo com o fim da Guerra Fria, da URSS e do Muro de Berlim, os líderes das entidades que promoveram as manifestações de ontem gostam de dizer que são de "esquerda". É a maneira que encontram para se declararem herdeiros da tradição a "luta estudantil"**⁰⁵. (grifo nosso).

Com uma passeata de 10 mil pessoas, segundo a Polícia Militar, (20 mil, segundo os organizadores), uma nova geração estudantil reviveu ontem, nas

O ME, DESDE A FUNDAÇÃO DAS SUAS PRINCIPAIS ENTIDADES, SEMPRE ESTEVE À FRENTE DA MOBILIZAÇÃO SOCIAL EM MOMENTOS DECISIVOS DA NOSSA HISTÓRIA (ESTADO NOVO, DITADURA MILITAR ETC). PORTANTO, SERIA IMPROVÁVEL QUE FICASSE À PARTE DO CONTEXTO POLÍTICO DOS ANOS 1980.

ruas de São Paulo, a atmosfera dos "anos rebeldes" – desta vez com palavras de ordem que pediam o impeachment do presidente Collor (...). Também as palavras de ordem se revelaram mais irrelevantes do que o "abaixo a ditadura" dos anos de chumbo: "Estudante unido derruba Collorido"; "Ô Collor, ô seu bundão, os estudantes vão erguer esta nação; e "Rosane, que coisa feia, vai com o Collor pra cadeia" (...)⁰⁶.

As citações acima referem-se à primeira manifestação pelo impeachment ocorrida em 11 de agosto de 1992 e liderada pelas entidades estudantis. Naquele momento, não era possível vislumbrar o avanço que as manifestações alcançariam. O trecho grifado denota a forma desdenhosa de descrever o protesto estudantil, referindo-se nostalgicamente aos líderes estudantis dos anos 60 e 70 e desqualificando os estudantes que diziam ser de esquerda.

Frequentemente, a imprensa tratava os estudantes como um corpo fragmentado, norteados por interesses e intenções diversas, dando maior ênfase às diferenças comportamentais e sociais entre os jovens. Desta forma, o leitor era induzido a concluir que os jovens foram às ruas sem um propósito uno, foram por empolgação espontânea, não formavam um movimento organizado.

Suas manifestações eram retratadas através de generalizações pelos meios de comunicação, em que estas possuíam um caráter mais juvenil, cuja composição era basicamente de estudantes de classe média do ensino médio e/ou superior, convocados pela UNE e pela UBES, sendo que suas passeatas eram marcadas pelo seu ato de "espontaneidade". As suas ações eram retratadas pelas matérias publicadas tanto em jornais e revistas, quanto pelos programas de rádio e televisão, como ambíguas, exaltando o contraste ao definir as ações dos estudantes que participavam dessas manifestações: apesar da "seriedade" dos seus objetivos (a saída de Fernando Collor da presidência), suas ações eram também festa, carnaval, brincadeira. (QUINTÃO, 2010 p. 8)

⁰⁵ "Collorgate mobiliza até 'estudentada' inerte", Folha de São Paulo, 12/08/1992, página 1-6. Pesquisa no acervo digital do jornal Folha de São Paulo disponível em: www.acervo.folha.com.br. Acesso em 08/06/2016.

⁰⁶ "Estudantes vão às ruas pelo impeachment", Folha de São Paulo, 12/08/1992, página 1-6. Pesquisa no acervo digital do jornal Folha de São Paulo disponível em: www.acervo.folha.com.br. Acesso em 08/06/2016. Esta reportagem mencionou a minissérie Anos Rebeldes transmitida pela Rede Globo entre julho e agosto de 1992, ambientada no final da década de 60, mostrando os protestos de jovens que se rebelaram contra o regime militar e aderiram à luta armada. Esta minissérie teve uma importância simbólica, pois, de certo modo, aticava a juventude que tinha a chance de lutar pelo seu país como faziam os jovens dos anos passados. Em passeata realizada no Rio de Janeiro em 14 de agosto de 1992, a UBES levou uma faixa escrito "Anos Rebeldes próximo capítulo: Fora Collor, impeachment já". Este episódio foi lembrado pelos nossos entrevistados e também foi manchete da imprensa escrita como o jornal Folha de São Paulo de 15 de agosto de 1992, Primeiro Caderno, página 1-8. Disponível em: www.acervo.folha.com.br. Acesso em 08/06/2016.

"NINGUÉM ESPERAVA UMA MANIFESTAÇÃO TÃO GRANDE. OS JOVENS QUERIAM PARTICIPAR. NÃO ERAM JOVENS APÁTICOS. O ME FOI RESPONSÁVEL PELA MOBILIZAÇÃO".

Assim, a imprensa escrita ajudava a construir um imaginário do jovem dos anos 90 que guardava diferenças profundas com a geração de 68, tida como mais politizada. A fragmentação é uma característica da juventude, de fato, assim como a transitoriedade que impõe aos movimentos de juventude uma particularidade, pois a condição de jovem é passageira e influencia as formas de práxis desses movimentos. Também é verdade que nem todos os jovens que saíram às ruas eram militantes do ME ou de qualquer partido político ou movimento social. Pelo contrário, a massa estudantil propriamente não era militante, o que não significa que fossem jovens completamente despolidizados e sem consciência política. Além disso, os depoimentos confrontam a opinião da imprensa, afirmando as dificuldades e o esforço despendido para permanecer na militância e organizar as ações do movimento.

Nossos entrevistados afirmam que a atuação da UBES foi essencial para a organização dos protestos pelo "Fora Collor", tendo pioneirismo sobre a atuação da UNE, inclusive. Segundo Reinaldo Botelho⁰⁷, a UBES convocou os estudantes para um ato que seria realizado na Avenida Paulista, no vão do MASP, em 11 de agosto. "Não se esperava que fosse uma manifestação, a passeata foi feita na hora. Fomos do MASP até o Largo São Francisco. Olhávamos para trás, por cima das pessoas e víamos muita gente, não acreditávamos no que estávamos vendo". A esta fala, acrescentamos o depoimento de Darlan Montenegro: "ninguém esperava uma manifestação tão grande. Os jovens queriam participar. Não eram jovens apáticos. O ME foi responsável pela mobilização". Apesar da surpresa do contingente que compareceu ao ato, nos depoimentos

fica claro que o ME tinha um posicionamento crítico ao governo Collor e o "Fora Collor" decorria desta crítica. Darlan salienta que somente após 11 de agosto é que o "Fora Collor" "pegou". Os secundaristas foram a base dos protestos pelo impeachment. Eram uma categoria numerosa com perfil diferente dos estudantes universitários dos quais muitos eram trabalhadores ou tinham um perfil mais elitizado, além de outras características consideradas como próprias da juventude, conforme as falas dos nossos entrevistados: "maior capacidade de mobilização", "maior dinamismo, ousadia e inquietude", "são mais radicais", "uma fase da vida que não há preocupações profissionais da vida adulta", "irreverência". O peso dos secundaristas na história das lutas do ME, especificamente nos protestos pelo impeachment de Collor, deve-se ao fato de que, apesar do processo de massificação das universidades públicas e do crescimento do ensino superior privado, o ensino secundário, para muitos, ainda era a última etapa da fase de escolarização. Tanto que uma das pautas do movimento estudantil secundarista, desde os anos 1980, era a profissionalização do ensino⁰⁸. O que mobilizava os estudantes no final dos anos 80 e início dos anos 90, no campo da luta política, era a luta pelas liberdades democráticas e, no campo da luta específica, o debate sobre a educação pública e a questão das mensalidades escolares⁰⁹. Portanto, depois da eleição de Collor e dos planos econômicos e propostas para áreas diversas que davam início à guinada neoliberal, a mobilização estudantil decolou. O "Fora Collor" foi o que unificou a luta estudantil, funcionando como um rastilho de pólvora que reacendeu um dos movimentos sociais mais fortes e tradicionais da nossa história: o ME. Depois da manifestação de 11 de agosto de 1992, os líderes do ME tornaram-se verdadeiras celebridades, conforme afirmam nossos entrevistados e pode ser notado em pesquisa na internet. Fotos dos "caras pintadas" e reportagens tentando conhecer os jovens, saber suas preferências e suas opiniões, encheram as páginas dos jornais e revistas, especulações eram feitas para saber se o ME tinha "voltado às origens", isto é, se tinha resgatado seu passado de lutas. Devido à bem-sucedida passeata do dia 11 de agosto, Collor fez um discurso no dia 13 de agosto "desafiando" os estudantes, conforme depoimento de Mauro Panzera, chamando a população para saírem às ruas vestindo "verde e amarelo" em apoio ao governo. "O presiden-



te Collor pediu a "todo o Brasil" que vá às ruas, para mostrar que os defensores do impeachment são minoria¹⁰. Assim, no dia 14 de agosto,

A MANIFESTAÇÃO DO DIA 16 DE AGOSTO FOI MARCADA PELO QUE FICOU CONHECIDO COMO "GUERRA DAS CORES" OU "DOMINGO NEGRO" E REUNIU MILHÕES DE PESSOAS EM DIVERSAS CIDADES DO PAÍS, COMO MOSTRAM OS JORNAIS DA ÉPOCA.

07 Depoimento de Reinaldo Botelho, concedido à autora em 05/03/2018. Reinaldo Botelho foi militante do PC do B. Participou do ME secundarista de 1989 a 1993. Foi dirigente da UBES e da UJS entre 1991 e 1992. Foi presidente da UMES-Santo André em 1990.

08 Ver CINTRA; MARQUES, 2009.

09 Vale ressaltar que os secundaristas e universitários das escolas particulares engrossaram os quadros do ME a partir da década de 1980. Por isso, as entidades estudantis levantavam a bandeira da educação pública que precisava de mais investimentos, denunciando as propostas do governo de instituir o ensino pago e das escolas privadas no que diz respeito à qualidade do ensino, do corpo docente e sobre os aumentos abusivos das mensalidades.

10 "Aos berros, Collor pede que o Brasil use verde-amarelo". Folha de São Paulo, 14 de agosto de 1992, capa. Disponível em www.acervo.folha.com.br. Acesso: 08/06/2016.



os estudantes saíram às ruas no Rio de Janeiro vestindo roupas brancas ou pretas em repúdio ao pedido do Presidente. “Para tentar impedir o fracasso da operação verde-amarelo, o governo usa recursos públicos. A Caixa determinou que suas agências sejam enfeitadas com bandeiras e que os clientes sejam presenteados com brindes nas cores nacionais”¹¹.

A manifestação do dia 16 de agosto foi marcada pelo que ficou conhecido como “guerra das cores” ou “domingo negro” e reuniu milhões de pessoas em diversas cidades do país, como mostram os jornais da época. Cada vez mais partidos políticos, movimentos sociais e entidades de classe se juntavam às manifestações pelo impeachment. A próxima manifestação fora marcada para o dia 25 de agosto quando seria entregue o relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre a abertura do

processo de impeachment. Esta manifestação foi a maior de todas e como em todas as outras, as entidades estudantis percorreram as escolas públicas e privadas convocando os estudantes. Os manifestantes foram para as ruas vestidos de “verde e amarelo”¹².

No dia 25 de agosto ocorreram passeatas em diversas cidades do país, ganhando as primeiras páginas dos principais jornais. O jornal O Estado de São Paulo, Primeiro Caderno, p. 4, de 26/08/1992, destacou a participação de 12 entidades ocupando o Vale do Anhangabaú no centro da cidade de São Paulo junto com empresários, sindicalistas, estudantes e partidos políticos numa manifestação semelhante às “Diretas Já!” em número de manifestantes, em relevância política e na composição heterogênea do palanque com a presença de políticos da situação, da oposição e de empresários. O jornal deu ênfase à participação estudantil em outras cidades do país, demonstrando o protagonismo do ME naquela conjuntura.

Para os estudantes, o “Fora Collor” não unificou somente o ME, mas as reivindicações de diversos setores da sociedade. O “Fora Collor” era uma pauta nacional que proporcionou o vigor que faltava à luta estudantil daqueles anos, conforme depoimento de Ana Paula Bernardes:

Eu acho que o que provocou um movimento desse tamanho, de sair todos às ruas e tudo mais, acho que junta vários elementos: um desconforto social, uma angústia social atrelada a questões de interesses de cada um (...) existia uma série de fatores objetivos e subjetivos que levaram essas forças políticas conseguirem tamanha reação popular. (...) Essa juventude vinha muito reprimida, com pautas reprimidas, com espírito de militância reprimido. A década de 80 foi uma década de depressão, de angústia, então quando chegou aquilo ali foi um prato cheio para se manifestar¹³.

Lindbergh Farias em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo falava também da necessidade dos jovens de fazerem algo pelo país, participar politicamente¹⁴. Estas falas são importantes para compreendermos sobre a massa estudantil que saiu às ruas pedindo impeachment, com o discurso por um país melhor e livre da corrup-

O QUE ESTAVA EM JOGO ERA A DEMOCRACIA, A LIBERDADE E OS DIREITOS RECÉM CONQUISTADOS, AFINAL, A JUVENTUDE DOS ANOS 90 CRESCER DEBAIXO DA SOMBRA DA DITADURA MILITAR, UM PASSADO RECENTE EM QUE OS ESTUDANTES TIVERAM UM PAPEL MUITO IMPORTANTE DE CONTESTAÇÃO QUE CONTRIBUIU PARA O FIM DO REGIME.

ção, sem conhecer o ME e suas entidades, sem nunca ter se envolvido com política, como afirma Cecília Lotufo¹⁵ que, apesar de nunca ter sido filiada a nenhum partido político, participou do “Fora Collor”.

Passado o intenso mês de agosto, os estudantes continuaram com os protestos, mas as pautas específicas voltaram com grande mobilização, como mostram os jornais e afirmam nossos entrevistados. O “Fora Collor” foi simbólico para o ME, pois ajudou a massificar as entidades e a formar novos os grêmios proporcionando maior reconhecimento e estruturação da militância estudantil. A tarefa que se colocava para o ME era manter a mobilização ativa uma vez que as questões urgentes aos estudantes (aumento abusivo nas mensalidades, ameaça de privatização do ensino público, falta de verbas para a educação, criação de mais vagas nas universidades públicas, crédito estudantil etc) não se resolveriam somente com o impeachment de Collor. Em verdade, Collor deixou o cargo, mas o projeto neoliberal permaneceu com seu sucessor, Itamar Franco, e se aprofundou nos governos de Fernando Henrique Cardoso.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protagonismo da juventude no “Fora Collor” se deu, em primeiro lugar, pela radicalidade que estava sendo construída dentro do ME e que encontrou no “Fora Collor” uma forma de se expressar; em segundo lugar, devido as ca-

11 Rio faz maior ato pelo impeachment; Collor usa Caixa na guerra das cores”. Folha de São Paulo, capa, 15 de agosto de 1992. Disponível em www.acervo.folha.com.br. Acesso: 08/06/2016.

12 “Manifestantes voltam ao verde-e-amarelo”. Folha de São Paulo, 21 de agosto de 1992, p. 1-6. Disponível em www.acervo.folha.com.br. Acesso: 08/06/2016.

13 Depoimento concedido à autora em 22/04/2018. Ana Paula Bernardes foi vice-presidente do Centro Acadêmico de Ciências Sociais da USP em 1991 numa chapa composta por diversos partidos. Era filiada ao PSDB e em 1993, já filiada ao PC do B, participou da Diretoria da UNE na gestão do presidente Orlando Silva.

14 “Manifestações pró-impeachment apontam para o renascimento do movimento estudantil no país?”, O Estado de São Paulo, 15/08/1992. Documento pesquisado no CEMI.

15 Depoimento concedido à autora em 20/04/2018. Cecília era estudante secundarista em 1992 e não era filiada a partido político, tendo participado de algumas reuniões da UBES e da UNE. Suas maiores atividades políticas na época se concentraram dentro do tradicional colégio paulistano Oswald de Andrade pelo grêmio estudantil. Nas passeatas pelo impeachment ficou conhecida como a “musa” do “Fora Collor”.

racterísticas da juventude dos anos 90 que, ao contrário da opinião veiculada principalmente pela imprensa escrita, era uma juventude politizada, que tinha vontade de se manifestar politicamente e de ser ouvida.

Através dos jornais pesquisados observamos que houve tentativas de desmoralização do ME pela imprensa, visando retirar o aspecto político das manifestações do "Fora Collor". Tais tentativas não foram intencionais, num primeiro momento, tendo em vista que ninguém esperava ou podia prever a radicalização do ME em 1992. Mas a partir do momento em que ficou claro "o poder jovem" e, uma vez que o ME era liderado por partidos políticos ligados aos ideais socialistas/comunistas, a imprensa passou a noticiar as manifestações estudantis visando desqualificar as bandeiras do ME e suas lideranças cujos discursos questionavam diretamente o projeto neoliberal. Para os interessados no bom andamento do projeto neoliberal, o que deveria dar causa ao motivo do impeachment era a luta anticorrupção e pela ética na política, uma luta antes de cunho moral do que propriamente político. Os líderes estudantis, com seus vínculos político-partidários, expressavam nas manifestações o repúdio às políticas neoliberais por

serem a causa do agravamento da crise no país, do desemprego, do arrocho salarial, dos baixos investimentos na saúde, educação etc. Este discurso radical deveria ser combatido a fim de que o encaminhamento do impeachment não extrapolasse os limites de uma mudança política superficial.

O maior desafio do ME é o de ser representativo de todos os estudantes, os das escolas particulares ou das públicas, os de direita ou de esquerda, os conservadores ou progressistas. O ME do "Fora Collor" agregou esta massa estudantil bastante heterogênea e, entre a pauta principal que era o impeachment do presidente, estavam as pautas específicas ligadas à situação da educação, do ensino, das escolas e universidades e à situação do estudante como um todo. O que estava em jogo era a democracia, a liberdade e os direitos recém conquistados, afinal, a juventude dos anos 90 cresceu debaixo da sombra da ditadura militar, um passado recente em que os estudantes tiveram um papel muito importante de contestação que contribuiu para o fim do regime.

Os limites deste artigo impedem o desenvolvimento de algumas questões ligadas à participação da juventude enquanto categoria

social e do ME enquanto movimento social. No entanto, nosso objetivo era demonstrar que o protagonismo da juventude nas manifestações pelo impeachment de Collor foi consequência da conjuntura política e econômica que colocava tarefas urgentes aos movimentos sociais e partidos políticos; da situação particular da juventude cujas expectativas em relação ao futuro eram cada vez mais sombrias devido às políticas educacionais que privilegiavam somente os interesses dos proprietários de escolas particulares, além de constantes ameaças de privatização do ensino superior público etc; e da reorganização do ME cujas entidades tiveram um papel fundamental na direção dos protestos.

Estas características, brevemente analisadas neste artigo, nos oferecem a dimensão da importância do ME nas lutas anticapitalistas, pois ainda que sejam as reivindicações específicas que mobilizem os estudantes, somente quando estas lutas assumem um caráter político, isto é, quando extrapolam os muros das universidades e escolas, passando a questionar a lógica do sistema do capital, é que realmente podem causar impactos políticos relevantes como o impeachment de um Presidente.

Referências

- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Memórias do Movimento Estudantil (1937-2007): da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Belume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.
- CINTRA, André; MARQUES, Raísa. UBES: uma rebeldia consequente. Projeto Memória do Movimento Estudantil. Disponível em www.ubes.org.br/memoria/publicacoes. Acesso: 13/04/2018.
- DIAS, Luis Antonio. Política e participação juvenil: os "caras pintadas" e o movimento pelo impeachment. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/artigos/8dias_luiz_artigo.pdf. Acesso 01/02/2018.
- GRUPPI, Luciano. O conceito de hegemonia em Gramsci. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MACIEL, David. De Sarney a Collor: reformas políticas, democratização e crise (1985-1990). São Paulo: Alameda, 2012.
- MARCONDES, Celso. A UNE, há 30 anos. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-une-ha-30-anos>. Acesso em 29/01/2018
- MARTUSCELLI, Danilo. Crises políticas e capitalismo neoliberal no Brasil. Tese de Doutorado (Ciência Política), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2013
- MULLER, Angélica. No caminho à democracia: o processo de reconstrução da União Nacional dos Estudantes. In: Dimensões, vol. 32, 2014, p. 128-147. Disponível em: <http://www.publicacoes.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/8372/5949>. Acesso em: 29/01/2018.
- OLIVEIRA, Francisco de. Collor: a falsificação da ira. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- QUINTÃO, Thales Torres. Os Media e a construção dos caras-pintadas. In: Revista Anagramas. Ano 3 - Edição 4 - Junho-Agosto de 2010.
- SANTOS, Jordana de Souza. A atuação das tendências políticas no movimento estudantil da Universidade de São Paulo (USP) no contexto da ditadura militar dos anos 70. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010, 112 f.
- Entrevistas
- Ana Paula Bernardes, concedida à autora em 22/04/2018.
 - Ana Cláudia Costa Guedes, concedida à autora em 28/03/2018
 - Cecília Lotufo, concedida à autora em 20/04/2018.
 - Darlan Montenegro, concedida à autora em 22/03/018.
 - Mauro Panzera, concedida à autora em 15/03/2018.
 - Reinaldo Botelho, concedida à autora em 05/03/2018

Documentos Estudantis

- Boletim da UNE – 1992. (Documento pesquisado no Centro de Estudos e Memória da Juventude – CEMI)
- Boletim da UNE – a UNE é anti-collor – novembro de 1990. (Documento pesquisado no Centro de Estudos e Memória da Juventude – CEMI)
- Fora Collor! em legítima defesa da Universidade – Juventude Revolução – Contribuição Ao 42º CONUNE. ((Documento pesquisado no Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro – AMORJ, ME - DOCUMENTO - SÉRIE 01 - UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES - 01.4. DOS CONGRESSOS)
- O Onze De Agosto. Jornal da Faculdade de Direito da Usp – Junho/1992 (Documento pesquisado no Arquivo Público do Estado de São Paulo – Dossiê Movimento Estudantil)
- Pelo Brasil que a gente quer. Fora Collor e Marcílio (29/09/1992). (Documento pesquisado no Arquivo Público do Estado de São Paulo – Dossiê Movimento Estudantil)
- Por uma une desaparelhada, de lutas e de massas – 1984. (Documento pesquisado no Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro – AMORJ, ME - DOCUMENTO - SÉRIE 01 - UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES - 01.2 SOBRE A UNE)
- Pro que der e vier – Propostas para o 42º Congresso da UNE – 28 a 31 de maio – Niterói – RJ. (Documento pesquisado no Centro de Estudos e Memória da Juventude – CEMI)



FORA
COLOR